

# Governo terá como renegociar

## Langoni aposta que Tancredo poderá liderar os devedores

O governo Tancredo Neves terá capital político para impor uma política econômica de caráter reformista capaz de atacar todos os grandes problemas da economia e permitir a retomada dos investimentos produtivos, afirma o ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni, já engajado na Frente Liberal. Segundo ele, o próximo governo terá que recriar os instrumentos da política econômica, diante da constatação de que medidas orçamentárias não funcionam no combate à inflação e na retomada efetiva do crescimento econômico.

"O País necessita de um conjunto de reformas para atacar simultaneamente os desequilíbrios internos e externos e o ponto de partida deve ser a redução do impacto dos serviços da dívida externa na economia doméstica" — ressalta Langoni. Em sua opinião, os juros da dívida constituem a fonte principal de pressão expansionista sobre o déficit público, o que endossado pela emissão de moeda acelera o processo inflacionário.

O ex-presidente do Banco Central e atual consultor da Organização das Nações Unidas (ONU) e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) — prestes a lançar o novo livro "A Crise do Desenvolvimento: Uma estratégia para o futuro" — considera histórico esse momento de transição política, quando Tancredo Neves assume o governo com respaldo popular suficiente para mudar os rumos das economias brasileira e latino-americana.

Se depender da vontade de Langoni, o governo Tancredo poderá tirar proveito das teses expostas no livro *A Crise do Desenvolvimento* e liderar o processo de modernização do Fundo Monetário Internacional (FMI) e ainda coordenar a ação conjunta dos países da América Latina na renegociação de suas respectivas dívidas externas, à busca da redução da drenagem de capital para os cofres dos bancos internacionais em prejuízo do desenvolvimento econômico e social do Continente.

No campo interno, o ex-presidente do Banco Central não admite a hipótese do governo Tancredo pôr a perder o capital político e repetir o exemplo argentino, com a ampliação dos desajustes econômicos e maior exacerbão da inflação. Para isso, qualifica de fundamental importância Tancredo tirar proveito da credibilidade que o envolve para, através do amplo entendimento, promover o pacto social concreto.

Dentro do regime democrático pleno, aumentarão as pressões de ordem política na condução da

economia. Mas Langoni ressalta que Tancredo tem liderança política para negociar e não aceitar imposições. "Todo o processo de decisão sofrerá mudanças e a política econômica será negociada. Mas Tancredo saberá quando não deve ceder para adotar as medidas realistas. Ele também terá sensibilidade até para tirar proveito da experiência da Argentina e do México e introduzir a nova política econômica".

Essa nova política econômica terá na credibilidade a palavra-chave, diz o ex-presidente do Banco Central, ao lembrar o seu tempo de governo: "Sem dúvida alguma, é fundamental que a política econômica seja estável e coerente para que haja credibilidade... A teoria de expectativas racionais sugere que, havendo credibilidade na política econômica, é fácil combater a inflação e são mínimos os efeitos reais dos instrumentos monetários e fiscais".

Porém, até para evitar cobranças de curto prazo ao novo governo, Langoni reitera que Tancredo também não terá fórmula mágica para corrigir os problemas internos assim que assumir e já promover a aceleração do crescimento econômico, mesmo repetindo que, na prática, a eleição "quase direta" do Presidente da República representa ponto importantíssimo para a correção de expectativas. "Mesmo havendo credibilidade, no caso brasileiro, ainda existirão custos temporários em termos de produto real e juros reais" — explica o ex-presidente do Banco Central.

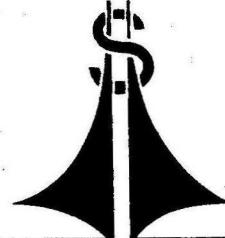
A nova política econômica exigirá ampla revisão de todos os instrumentos em vigor e a introdução de outros, reafirma Langoni: "Existe consciência de que o Brasil não pode conviver com a hiperinflação atual. Então, o novo Governo precisará adotar um conjunto de medidas, logo no seu início. Será um novo ciclo de reformas na área econômica como um todo, o que inclui os desequilíbrios de grande magnitude da Previdência Social e do sistema habitacional. Mas o governo Tancredo deverá lançar mecanismos permanentes e, em consonância com o processo democrático, levar ao Congresso Nacional a discussão da nova política econômica, sem abrir mão do respaldo popular e da credibilidade do próprio Executivo".

Pouco mais de dezessete meses depois de fazer parte do alto comando tecnocrático da economia brasileira, Langoni passa a dar ênfase à democratização das decisões econômicas. Mas procura ressaltar que, quando presidente do Banco Central, já sentia a fal-



Langoni

## A Herança de Tancredo



ta de credibilidade como aspecto contrário à obtenção dos resultados esperados, o que quebrava o rigor prático das decisões tomadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). O exemplo recente também serve para que, a partir de discussões abertas, Tancredo adote uma política econômica coerente:

— Para que os resultados favoráveis se tornem explícitos é imprescindível coerência e firmeza. Vale notar que uma vez quebrada a rigidez das expectativas, o processo torna-se cumulativamente favorável, fazendo com que o ritmo de queda dos preços se dê mais rapidamente do que a desaceleração monetária... A partir deste momento, é possível associar a queda da inflação com a retomada do ritmo de crescimento da economia, a exemplo do que ocorreu no período 1968/73.

O ex-presidente do Banco Central não apóia as receitas do monetarismo puro e repete que o foco da inflação está no déficit público, somente refletido na expansão monetária: "A política monetária espelha o desequilíbrio crescente nas contas do governo como um todo". A opinião que Langoni já tinha ainda quando membro do Governo: "O problema não está na operação-

nalização da política monetária, mas sim nos seus pressupostos. Em outras palavras, a política monetária é o estuário comum para onde necessariamente convergem todas as distorções originárias de outros segmentos da economia" — dizia Langoni, logo ao assumir a presidência do Banco Central, no primeiro ano do atual governo.

Como professor, Langoni reconhece que a combinação de política monetária e fiscal restritiva com o realismo da política cambial constituem as bases de qualquer política econômica no Brasil. Mas reafirma que só a política monetária não pode cobrir a grandeza do desequilíbrio nas contas do setor público, o que deve levar a equipe de Tancredo a desprezar o aperto excessivo na oferta de moeda, como já recomendava nos seus tempos de Banco Central:

— Não há dúvida de que o controle adequado das despesas do setor público se constitui, no caso brasileiro, em elemento chave para reduzir os desequilíbrios internos e externos da economia. A experiência brasileira tem demonstrado, em inúmeras ocasiões, que o controle monetário, quando não é acompanhado e, em particular, antecedido de forma coerente pelo controle fiscal, quase sempre resulta em redução do crédito disponível para o setor privado, sem, contudo, afetar de maneira significativa o comportamento dos preços.

Em claro sinal de que os problemas de hoje são os mesmos do início do governo Figueiredo, as palavras dos economistas da Aliança Democrática coincidem com a antiga colocação de Langoni: "Nos últimos anos, o governo teve mais sucesso em interferir no setor privado do que disciplinar o próprio Estado. É razoável admitir que o processo de abertura política tenha reflexos imediatos no sentido de ampliar os controles institucionalizados da sociedade sobre a máquina estatal, trazendo maior impulso ao esforço de liberalização econômica. A descentralização política, ao acelerar a descentralização econômica, deverá também apressar a realocação de recursos para áreas de inequívoco interesse social".

Apesar dos seus contatos com a Frente Liberal — no final da tarde de sexta-feira, esteve com o vice-presidente Aureliano Chaves — Langoni não comenta o futuro, o que não descarta eventual ambição de retorno ao Governo: "Por enquanto, só estou preocupado com o lançamento do meu novo livro, no final do mês".